

POEMAS



Rainer Maria Rilke
(Áustria, 1875-1926)

A gazela

Gazella Dorcas

Mágico ser: onde encontrar quem colha
duas palavras numa rima igual
a essa que pulsa em ti como um sinal?
De tua fronte se erguem lira e folha

e tudo o que és se move em similar
canto de amor cujas palavras, quais
pétalas, vão caindo sobre o olhar
de quem fechou os olhos, sem ler mais,

para te ver: no alerta dos sentidos,
em cada perna os saltos reprimidos
sem disparar, enquanto só a fronte

a prumo, prestes, pára: assim, na fonte,
a banhista que um frêmito assustasse:
a chispa de água no voltar da face.

(Tradução: Augusto de Campos)

A noite

A noite vem buscar secretamente
através das dobras das cortinas
brilho de sol esquecido em teu cabelo.
Olha, nada mais quero que não seja
ter entre as minhas tuas mãos , e ser
tranquilo e bom, todo cheio de paz.

Fazes-me crescer a alma que estilhaça
o dia-a-dia em cacos; e assim ganha
uma amplitude que é milagre teu:
Nos seus molhes de aurora vão morrer
as primeiras ondas de infinidade.

A Pantera

No Jardin des Plantes, Paris

De tanto olhar as grades seu olhar
esmoreceu e nada mais aferra.
Como se houvesse só grades na terra:
grades, apenas grades para olhar.

A onda andante e flexível do seu vulto
em círculos concêntricos decresce,
dança de força em torno a um ponto oculto
no qual um grande impulso se arrefece.

De vez em quando o fecho da pupila
se abre em silêncio. Uma imagem, então,
na tensa paz dos músculos se instila
para morrer no coração.

(Tradução: Augusto de Campos)

A primeira elegia

Se eu gritar, quem poderá ouvir-me, nas hierarquias dos Anjos? E, se até algum Anjo de súbito me levasse para junto do seu coração: eu sucumbiria perante a sua natureza mais potente. Pois o belo apenas é o começo do terrível, que só a custo podemos suportar, e se tanto o admiramos é porque ele, impassível, desdenha destruir-nos. Todo o Anjo é terrível.

Por isso me contenho e engulo o apelo deste soluço obscuro. Ai de nós, mas quem nos poderia valer? Nem Anjos, nem homens, e os argutos animais sabem já que nós no mundo interpretado não estamos confiantes nem à vontade. Resta-nos talvez uma árvore na encosta que possamos rever diariamente; resta-nos a rua de ontem e a fidelidade continuada de um hábito, que a nós se afeiçoou e em nós permaneceu.

Oh, e a noite, a noite, quando o vento, cheio do espaço do universo nos devora o rosto —, por quem não permaneceria ela, a desejada, suavemente enganadora, que com tanto esforço se ergue frente ao coração isolado? Será ela para os amantes menos dura? Ah, um como o outro eles se ocultam de sua própria sorte, apenas. Acaso não o saibas *já*? Lança de teus braços o vazio em direcção aos espaços que respiramos; talvez que as aves num voo mais íntimo sintam o ar assim expandido.

Sim, na verdade as Primaveras precisavam de ti. Muitas estrelas aguardavam que nelas reparasses. Para ti se erguia uma vaga no findo passado; ou, ao passares por uma janela aberta, um violino entregava-se-te. E tudo isso era para ti uma missão. Mas soubeste cumpri-la? Não te distraía a contínua expectativa, como se tudo te anunciasse a Amada? (Como a poderias acolher em ti, se grandes e estranhos pensamentos te invadem ou abandonam ou em ti permanecem ao longo da noite?)

Se porém estás saudoso, canta as Amantes, cujo celebrado sentir todavia está longe de ser imortalizado. Canta, e como tu as invejas quase, as que foram abandonadas, cujo amor te parece maior, do que o daquelas que o viram apaziguado. Não cesses

de recomeçar esse sempre insuficiente louvor;
e pensa: o herói dura sempre; até a sua queda mais não foi
do que o simples pretexto para o seu derradeiro nascimento.
Mas as Amantes são acolhidas de novo na esvaída natureza,
pois as forças que tudo isto produzem
não existem duas vezes. Terás tu cantado de Gaspara Stampa
já suficientemente a lembrança, para que a jovem mulher
a quem o amado deixou, possa sentir
pelo sublime exemplo de uma tal Amante: Ah, ser como ela!
Não será tempo de estas dores antiquíssimas se tornarem
finalmente fecundas? E não será tempo de nós,
os que amamos, nos libertarmos de quem amamos, como trémulos
vencedores?
De sermos como a flecha que, vencendo o arco, se solta, toda ímpeto,
passando a ser *mais* do que ela própria? Pois em nenhum lugar se
permanece imóvel.

Vozes, vozes. Ouve-as, ó meu coração, como outrora apenas
os santos as ouviam: de tal modo que o apelo imenso
os erguia do solo; contudo permaneciam ajoelhados,
inconcebivelmente, a isso destentos:
ouvir: era *assim* todo o seu estar. Mas tu não poderias sequer em ti escutar
a voz de *Deus*. Ouve, porém, o sopro, ininterrupta mensagem
que a ti chega, modelado no silêncio.
E agora ouves o murmúrio dos jovens que morreram.
Na verdade, onde quer que entrasses, fosse
em igrejas de Roma ou de Nápoles, não era o destino deles que no
silêncio te interpelava?
Ou, então, uma inscrição sublime te impressionava,
como a da lápide que há pouco viste em Santa Maria Formosa.
Que esperam todos eles de mim? tenho de serenamente retirar-lhes
o véu de injustiça que por vezes perturba
o puro movimento dessas almas.

É certo ser estranho não mais habitar a terra,
não mais agir conforme o que mal acabáramos de aprender,
não mais dar às rosas e a todas as outras coisas identicamente
promissoras
o significado do humano futuro;
não mais ser o que se tinha sido

em infinitamente angustiadas mãos, e abandonar até
o próprio nome, como se fosse um brinquedo quebrado.
É estranho não mais desejos desejar. Estranho,
passar a ver sem conexão, disperso pelo espaço,
tudo o que antes tinha unidade. Estar morto
é laborioso e cheio de recomeços, até que aos poucos
nos apercebamos da eternidade. — Mas todos os vivos
cometem o erro de fazer distinções demasiado rígidas.
Os Anjos, diz-se, não sabem muitas vezes se se movem
por entre os vivos ou por entre os mortos. A eterna corrente
consigo arrasta incessantemente todas as idades,
através destes dois domínios, e o seu som a ambos se impõe.
Afinal, de nós já não precisam aqueles que tão cedo nos foram
arrebataados,
suavemente se vai perdendo o gosto pelo que é terreno, tal como ao
crescer
nos desprendemos da doçura do peito materno.
Mas nós, que de tão grandes mistérios necessitamos, nós para quem o
luto é tão frequentemente a fonte de feliz amadurecimento —:
poderíamos sem eles existir?
Ou será vã a lenda de que foi outrora, ao prantear-se Lino,
que a primeira música ousou penetrar na aridez do espanto?
Então, apenas quando esse jovem, quase um deus, de súbito
no espaço do terror para sempre se ocultava, o vazio
atingiu por fim a vibração que agora nos arrebatava, nos consola, nos ajuda.

In *As Elegias de Duíno*, tradução de Maria Teresa Dias Furtado, Assírio &
Alvim, Setembro de 1993.

A segunda elegia

Todo o Anjo é terrível. No entanto, ai de mim!
pelo canto vos invoco, aves da alma quase mortais,
por saber o que sois. Para onde foram os dias de Tobias,
quando um de entre os mais luminosos apareceu, no simples limiar da
entrada,
um pouco diferente, em traje de viagem, já nada aterrador;
(Um jovem para outro jovem, quando este curiosamente olhou para o
exterior).
Mas se agora esse Arcanjo dos perigos, de detrás das estrelas,
descesse até nós, um só passo que fosse, o nosso coração,
pulsando violentamente, far-nos-ia perecer. Quem sois, afinal?

Seres desde o início felizes, excessos da Criação,
cumeadas, cimos no alvorecer
de tudo o Criado —, pólen da floração divina,
elos de luz, cadências, escadarias, tronos,
espaços de puro ser, escudos de deleite, tumultos
de um deslumbrado sentir impetuoso e, de súbito, cada um
é um *espelho*: e a sua beleza irreprimível
de novo é recolhida no seu próprio rosto.

Porém nós, ao sentir, desvanecemos-nos. Ai de nós,
ao respirar nos extinguímos; de brasido em brasido
vamos perdendo o nosso aroma. E alguém nos diz:
sim, tu corres no meu sangue, tu enches
este quarto, a Primavera... Para quê? Não pode deter-nos,
em si e em seu redor nos ocultamos. E os que são belos,
quem poderá impedi-los de partir? No seu rosto se levanta
incessantemente
e se esvai a aparência. Tal como o orvalho matinal sobre a erva
o que é nosso evapora-se de nós, como o calor de um
prato fumegante. Oh, sorrir para onde? Oh, erguer os olhos:
afastando-se ao longe, a onda do coração, nova e cálida —;
ai de mim! é o que nós *somos*. Ficará nos espaços
em que nos dissolvemos o nosso sabor? Os Anjos apenas
apreenderão o que é seu, o que de si irradia
ou por vezes como por engano algo

de nós neles fica? Haverá nos seus
traços um pouco de nós, tal como o vago
no rosto das mulheres grávidas? Mas tudo isso
lhes é alheio, na vertigem do regresso a si. (Como poderiam aperceber-se
disso?)

Se o entendessem, os Amantes poderiam, na aragem nocturna,
falar de estranhas coisas. Tudo parece ocultar-nos.
Eis que as árvores *são*; as casas
onde vivemos existem ainda. Apenas nós
passamos por tudo numa troca de ar.
E tudo unanimemente nos silencia, em parte por
vergonha talvez e em parte por indizível esperança.

Amantes, a vós, que um no outro vos bastais
pergunto eu por nós. Estendeis as mãos um ao outro. Que provas tendes?
Olhai, as minhas mãos apercebem-se de que
são cada uma delas e o meu rosto gasto
nelas se poupa. Isso dá-me uma ligeira
sensação. Mas quem ousaria só por isso *ser*?
Porém, a vós que no deslumbramento do outro
cresceis até que ele, subjugado,
vos implora: *mais* não —; a vós que sob as mãos
tendes maior riqueza do que a das vindimas;
a vós que muitas vezes pereceis só porque o outro
tanto vos excede: eu pergunto por nós. Bem sei,
tocai-vos com tanta felicidade porque as carícias permanecem,
porque não desaparece o lugar que com ternura
cobris, porque debaixo pressentis a pura
permanência. Assim, vos prometeis a quase eternidade
do vosso abraço. Porém, quando vencerdes o susto
do primeiro olhar e a saudade à janela
e o primeiro passeio pelo jardim, *uma* vez:
continuareis vós, Amantes, a *sê-lo* do mesmo modo? Quando vos levais
à boca para beber —; bebida por bebida:
como abandona então, estranhamente, o que bebe esse acto de beber.

Acaso não nos surpreendeu nas áticas estelas funerárias a contenção
dos gestos humanos? Não pousavam amor e despedida
nos ombros tão levemente, como se fossem feitos de matéria

diferente da nossa? Recordai-vos das mãos,
suavemente apoiadas sem pressão, ainda que nos torsos haja força.
Senhores de si, cientes: este é o nosso limite,
isto é nosso — tocarmo-nos *assim*; os deuses
é que nos comprimem com mais força. Mas é próprio dos deuses.

Ah, pudéssemos nós encontrar algo humano
puro, contido, simples, uma estria nossa de terreno fértil,
entre rio e penhascos. Porque o nosso coração nos excede
tal como neles. E não podemos
seguir-lo com os olhos em imagens que o apaziguem, nem em
corpos divinos em que, maior, se contém.

Amo as horas nocturnas

Amo as horas nocturnas do meu ser
em que se me aprofundam os sentidos;
nelas fui eu achar, como em cartas velhíssimas,
já vivida a vida dos meus dias
e como lenda longínqua e superada.

Delas eu aprendi que tenho espaço
para uma segunda vida, vasta e sem tempo.

E por vezes me sinto como a árvore
que, madura e rumorosa, sobre uma campã
realiza o sonho que o menino foi
(em volta do qual apertam suas raízes quentes)
e perdeu em tristezas e canções.

(In «*Poemas As Elegias de Duíno Sonetos a Orfeu*»,
Tradução de Paulo Quintela, Edições Asa, 2001)

Aos olhos dos Anjos

Aos olhos dos Anjos, os cimos das árvores
são talvez raízes que bebem os céus;
e, no céu, as raízes profundas de uma faia
parecem-lhes cumeeiras de silêncio.

Não será que, para eles, a terra é transparente,
face a um céu cheio como um corpo?
Esta terra ardente onde o olvido dos mortos
se lamenta e chora — à beira das nascentes.

Auf meinem Blute (Um poema para Lou Salomé)

Lösch mir die Augen aus: ich kann dich sehn,
wirf mir die Ohren zu: ich kann dich hören,
und ohne Füße kann ich zu dir gehn,
und ohne Mund noch kann ich dich beschwören.
Brich mir die Arme ab, ich fasse dich
mit meinem Herzen wie mit einer Hand,
halt mir das Herz zu, und mein Hirn wird schlagen,
und wirfst du in mein Hirn den Brand,
so werd ich dich auf meinem Blute tragen.

Elimine meus olhos: eu poderei te ver,
Arranque meus ouvidos: eu poderei te ouvir,
E sem pés poderei caminhar até você,
E sem boca ainda poderei te invocar.
Corte meus braços, eu te segurarei
Com meu coração como se uma mão fosse,
Pare meu coração, e meu cérebro baterá,
E incendeie meu cérebro,
Então te carregarei em meu sangue.

Cair da noite

Cai a noite a mudar devagar os vestidos
que uma franja de árvores velhas lhe segura;
olhas: e separam-se de ti as terras:
uma que vai para o céu, outra que cai;

e deixam-te, sem pertenceres de todo a qualquer delas,
não tão escuro como a casa silenciosa,
não tão seguro a evocar o eterno
como a que cada noite se faz estrela e sobe;

e deixam-te (indizível de desenredar!)
a tua vida, angustiada, gigantesca, a amadurar,
tal que, ora limitada ora compreensiva,
alterna em ti — ou pedra ou astro.

Dançarina espanhola

Como um fósforo a arder antes que cresça
a flama, distendendo em raios brancos
suas línguas de luz, assim começa
e se alastra ao redor, ágil e ardente,
a dança em arco aos trêmulos arrancos.

E logo ela é só flama, inteiramente.

Com um olhar põe fogo nos cabelos
e com a arte sutil dos tornozelos
incendeia também os seus vestidos
de onde, serpentes doidas, a rompê-los,
saltam os braços nus com estalidos.

Então, como se fosse um feixe aceso,
colhe o fogo num gesto de desprezo,
atira-o bruscamente no tablado
e o contempla. Ei-lo ao rés do chão, irado,
a sustentar ainda a chama viva.
Mas ela, do alto, num leve sorriso
de saudação, erguendo a fronte altiva,
pisa-o com seu pequeno pé preciso.

(Tradução: Augusto de Campos)

Dos Sonetos a Orfeu

Um deus pode. Mas como erguer do sol,
na estreita lira, o canto de uma vida?
Sentir é dois; no beco sem saída
dos corações não há templos de Apolo.

Como ensinas, cantar não é a vaidade
de ir ao fim da meta cobiçada.
Cantar é ser. Aos deuses, quase nada.
Mas nós, quando é que somos? em que idade

nos devolvem a terra e as estrelas?
Amar, jovem, é pouco, e ainda que doam
as palavras nos lábios, ao dizê-las,

esquece os teus cantares. Já não soam.
Cantar é mais. Cantar é um outro alento.
Ar para nada. Arfar em deus. Um vento.

(Tradução: Augusto de Campos)

Exercícios ao Piano

O calor cola. A tarde arde e arqueja.
Ela arfa, sem querer, nas leves vestes
e num *étude* enérgico despeja
a impaciência por algo que está prestes

a acontecer: hoje, amanhã, quem sabe
agora mesmo, oculto, do seu lado;
da janela, onde um mundo inteiro cabe,
ela percebe o parque arrebitado.

Desiste, enfim, o olhar distante; cruza
as mãos; desejaria um livro; sente
o aroma dos jasmims, mas o recusa
num gesto brusco. Acha que á faz doente.

Fonte Romana

Borghese

Duas velhas bacias sobrepondo
suas bordas de mármore redondo.
Do alto a água fluindo, devagar,
sobre a água, mais em baixo, a esperar,

muda, ao murmúrio, em diálogo secreto,
como que só no côncavo da mão,
entremostrando um singular objeto:
o céu, atrás da verde escuridão;

ela mesma a escorrer na bela pia,
em círculos e círculos, constante —
mente, impassível e sem nostalgia,

descendo pelo musgo circundante
ao espelho da última bacia
que faz sorrir, fechando a travessia.

(Tradução: Augusto de Campos)

Gostava de cantar

Gostava de cantar a alguém uma cantiga de embalar,
sentar-me a seu lado, e ficar sossegado.
Gostava de embalar-te murmurando uma canção,
estar contigo na orla do sono.
Ser a única pessoa acordada em casa
a saber que a noite está fria.
Gostava de ouvir cá dentro e lá fora,
ouvir-te, ouvir o mundo e os bosques.
Os relógios tocam a rebate,
e podes ver o tempo até ao fim escoar-se.
Ao fundo da rua um estranho passa
e incomoda o cão de um vizinho.
Por trás, o silêncio. Pousei os meus olhos
em ti como numa mão aberta,
e eles prendem-te ao de leve e deixam-te ir,
quando algo se move no escuro

Hora grave

Quem agora chora em algum lugar do mundo,
Sem razão chora no mundo,
Chora por mim.

Quem agora ri em algum lugar na noite,
Sem razão ri dentro da noite,
Ri-se de mim.

Quem agora caminha em algum lugar no mundo,
Sem razão caminha no mundo,
Vem a mim.

Quem agora morre em algum lugar no mundo,
Sem razão morre no mundo,
Olha para mim.

(Tradução: Augusto de Campos)

Morgue

Estão prontos, ali, como a esperar
que um gesto só, ainda que tardio,
possa reconciliar com tanto frio
os corpos e um ao outro harmonizar;

como se algo faltasse para o fim.
Que nome no seu bolso já vazio
há por achar? Alguém procura, enfim,
enxugar dos seus lábios o fastio:

em vão; eles só ficam mais polidos.
A barba está mais dura, todavia
ficou mais limpa ao toque do vigia,

para não repugnar o circunstante.
Os olhos, sob a pálpebra, invertidos,
olham só para dentro, doravante.

(Tradução: Augusto de Campos)

O Anjo

Com um mover da fronte ele descarta
tudo o que obriga, tudo o que coarta,
pois em seu coração, quando ela o adentra,
a eterna Vinda os círculos concentra.

O céu com muitas formas lhe aparece
e cada qual demanda: vem, conhece — .
Não dê às suas mãos ligeiras nem
um só fardo; pois ele, à noite, vem

à tua casa conferir teu peso,
cheio de ira, e com a mão mais dura,
como se fosses sua criatura,
te arranca do teu molde com desprezo.

(Tradução: Augusto de Campos)

O Cego

Ele caminha e interrompe a cidade,
que não existe em sua cela escura,
como uma escura rachadura
numa taça atravessa a claridade.

Sombras das coisas, como numa folha,
nele se riscam sem que ele as acolha:
só sensações de tacto, como sondas,
captam o mundo em diminutas ondas:

serenidade; resistência —
como se à espera de escolher alguém, atento,
ele soergue, quase em reverência,
a mão, como num casamento.

(Tradução: Augusto de Campos)

O Fruto

Subia, algo subia, ali, do chão,
quieto, no caule calmo, algo subia,
até que se fez flama em floração
clara e calou sua harmonia.

Floresceu, sem cessar, todo um verão
na árvore obstinada, noite e dia,
e se soube futura doação
diante do espaço que o acolhia.

E quando, enfim, se arredondou, oval,
na plenitude de sua alegria,
dentro da mesma casca que o encobria
volveu ao centro original.

(Tradução: Augusto de Campos)

O mundo estava no rosto da amada

O mundo estava no rosto da amada —
e logo converteu-se em nada, em
mundo fora do alcance, mundo-além.

Por que não o bebi quando o encontrei
no rosto amado, um mundo à mão, ali,
aroma em minha boca, eu só seu rei?

Ah, eu bebi. Com que sede eu bebi.
Mas eu também estava pleno de
mundo e, bebendo, eu mesmo transbordei.

(Tradução: Augusto de Campos)

O solitário

Não: uma torre se erguerá do fundo
do coração e eu estarei à borda:
onde não há mais nada, ainda acorda
o indizível, a dor, de novo o mundo.

Ainda uma coisa, só, no imenso mar
das coisas, e uma luz depois do escuro,
um rosto extremo do desejo obscuro
exilado em um nunca-apaziguar,

ainda um rosto de pedra, que só sente
a gravidade interna, de tão denso:
as distâncias que o extinguem lentamente
tornam seu júbilo ainda mais intenso.

(Tradução: Augusto de Campos)

O torso arcaico de Apolo

Não conhecemos sua cabeça inaudita
Onde as pupilas amadureciam. Mas
Seu torso brilha ainda como um candelabro
No qual o seu olhar, sobre si mesmo voltado

Detém-se e brilha. Do contrário não poderia
Seu mamilo cegar-te e nem à leve curva
Dos rins poderia chegar um sorriso
Até aquele centro, donde o sexo pendia.

De outro modo erguer-se-ia esta pedra breve e mutilada
Sob a queda translúcida dos ombros.
E não tremeria assim, como pele selvagem.

E nem explodiria para além de todas as fronteiras
Tal como uma estrela. Pois nela não há lugar
Que não te mire: precisas mudar de vida.

(Tradução: Augusto de Campos)

O vazio

(...)

É certo ser estranho não mais habitar a terra,
não mais agir conforme o que mal acabáramos de aprender,
não mais dar às rosas, e a todas as outras coisas identicamente
promissoras
o significado do humano futuro;
não mais ser o que se tinha sido
em infinitamente angustiadas mãos, e abandonar até
o próprio nome, como se fosse um brinquedo quebrado.
É estranho não mais desejos desejar. Estranho,
passar a ver sem conexão, disperso pelo espaço,
tudo o que antes tinha unidade. Estar morto
é laborioso e cheio de recomeços, até que aos poucos
mos apercebamos da eternidade. — Mas todos os vivos
cometem o erro de fazer distinções demasiado rígidas.
Os Anjos, diz-se, não sabem muitas vezes se se movem
por entre os vivos ou por entre os mortos. A eterna corrente
consigo arrasta incessantemente todas as idades,
através destes domínios, e o seu som a ambos se impõe.
Afinal, de nós já não precisam aqueles que tão cedo nos foram
arrebataados,
suavemente se vai perdendo o gosto pelo que é terreno, tal como ao
crescer
nos desprendemos da doçura do peito materno.
Mas nós, que de tão grandes mistérios necessitamos, nós para quem o
luto
é tão frequentemente a fonte do feliz amadurecimento — : poderíamos
sem eles existir?
Ou será vã a lenda de que foi outrora, ao prantear-se Lino,
que a primeira música ousou penetrar na aridez do espanto?
Então, apenas quando esse jovem, quase um deus, de súbito
no espaço do terror para sempre se ocultava, o vazio
atingiu por fim a vibração que agora nos arrebatada, nos consola, nos ajuda.

(in «As Elegias de Duíno»)

Os anjos

Têm todos bocas cansadas
e almas claras, sem orla.
E passa-lhes por vezes pelos sonhos
uma saudade (como de pecado).

Parecem-se quase todos uns aos outros;
estão calados nos jardins de Deus,
como muitos, muitos intervalos
no seu poderio e melodia.

Só quando desdobram as asas
é que despertam qualquer vento:
Como se Deus, com as suas largas
mãos de estatuário, passasse
as folhas do escuro Livro do Princípio

Os poetas se tem disseminado

Os poetas te têm disseminado
(tempestade através das linhagens de todos),
mas eu quero de novo interpelar-te
no vaso que te dá tanta alegria.
Andei errante por diversos ventos;
mil vezes eras tu que me empurravas.
Tudo que encontro, eu trago;
como taça, de ti faz uso o cego;
bem fundo te escondera a criadagem
mas o mendigo te mantém na altura,
e muitas vezes junto a uma criança
boa parte de teu sentido estava...
Bem vês que eu sou alguém que anda à procura.
Alguém que atrás das mãos
anda escondido e assim feito um pastor.
(Tu podes esse olhar, que o enraivece
— o olhar dos outros — dele desviar.)
Há um que sonha coroar-te a ti
e acabará coroando a si mesmo.

Pórtico

Quem quer que sejas: Quando a noite vem,
sai do teu quarto onde tudo conheces;
a tua casa é a última ante o longe:
Quem quer que sejas.
Com teus olhos, que, de cansados, mal
conseguem libertar-se do teu limiar gasto,
levantas devagar uma árvore negra
e põe-la ante o céu: esguia, só.
E fizeste o mundo. E ele é grande
e como palavra ainda a amadurar no silêncio.
E quando o teu querer abrange o seu sentido,
teus olhos o abandonam, ternamente...

in *"Poemas – Elegias de Duíno – Sonetos a Orfeu"*,
Prefácios, Selecção e Tradução de Paulo Quintela,
Edições Asa, 4^a. Edição, 2001

Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?

Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?
Eu sou o teu vaso — e se me quebro?
Eu sou tua água — e se apodreço?
Sou tua roupa e teu trabalho
Comigo perdes tu o teu sentido.

Depois de mim não terás um lugar
Onde as palavras ardentes te saúdem.
Dos teus pés cansados cairão
As sandálias que sou.
Perderás tua ampla túnica.
Teu olhar que em minhas pálpebras,
Como num travesseiro,
Ardentemente recebo,
Virá me procurar por largo tempo
E se deitará, na hora do crepúsculo,
No duro chão de pedra.

Que farás tu, meu Deus? O medo me domina.

(Tradução: Augusto de Campos)

São Sebastião

Como alguém que jazesse, está de pé,
sustentado por sua grande fé.
Como mãe que amamenta, a tudo alheia,
grinalda que a si mesma se cerceia.

E as setas chegam: de espaço em espaço,
como se de seu corpo desferidas,
tremendo em suas pontas soltas de aço.
Mas ele ri, incólume, às feridas.

Num só passo a tristeza sobrevém
e em seus olhos desnudos se detém,
até que a neguem, como bagatela,
e como se poupassem com desdém
os destrutores de uma coisa bela.

(Tradução: Augusto de Campos)